



A internet como espaço de ações comunicativas: a experiência do infocentro da UFJF¹

Guilherme Moreira Fernandes²

Bruno Fuser³

Resumo

Este artigo discute o uso da internet no infocentro da UFJF por jovens residentes nos bairros São Pedro e Dom Bosco, caracterizados por serem uma área de exclusão social e alta vulnerabilidade social. Foram feitas doze entrevistas qualitativas com o objetivo de descobrir como são realizados os acessos, quais os conteúdos acessados e qual o motivo para o uso do espaço virtual. A partir daí desenvolveram-se discussões sobre o papel da inclusão digital em face à sociedade, a projeção identitária e a construção de ações comunicativas. Percebe-se que o ato de comunicar para jovens que mantêm contato com a internet modificou-se, assim, a interatividade é uma das ferramentas que se configura como principal atrativo.

Palavras-chaves

Inclusão Digital; Redes sociotécnicas; Tecnologias da informação e da comunicação; Internet

Introdução

Com o advento da globalização e da sociedade do consumo, onde os mais aptos sobrevivem enquanto os menos aptos tendem a permanecer à margem na sociedade, a internet configura-se como ferramenta indispensável para a vida na arena global. Indubitavelmente, estamos vivenciando um momento de revolução tecnológica e crescente participação de certos segmentos sociais no mundo digital (é verdade que ainda muito longe de incluir a maioria da população). Isso faz com que a mídia digital se destaque como veículo de expressão de posições as mais diferenciadas sobre qualquer assunto. Diversos fatores contribuem para isso, como, por exemplo, o baixo custo da disponibilização de informação para quem já tem acesso à rede e a maior interatividade característica do veículo.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Graduando em Comunicação Social pela UFJF. Integrante do grupo de pesquisa 'Comunicação e Tecnologia'. E-mail: gui_facom@hotmail.com. Trabalho desenvolvido como atividade de iniciação científica.

³ Orientador. Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social e do PPGCOM da UFJF. E-mail: bruno.fuser@ufjf.edu.br.



Marta Pinheiro (2007) destaca que a cada momento surgem novas coisas na internet, formando uma verdadeira cultura on-line, que a torna um paradigma da cultura contemporânea, “uma cultura de rede, de trocas, performática, globalizada” (p. 53).

Inclusive, Pierre Lévy (1996), um dos maiores estudiosos do assunto, afirma que a virtualização proporcionou o modelo todos-todos, não sendo definidos emissores e receptores em papéis fixos e fazendo com que haja uma troca cultural entre os usuários do veículo. Outro argumento de Lévy é a defesa da virtualização como saída do presente, pois a tecnologia oferece vários meios para essa “fuga”, como a projeção. Porém, a tecnologia não acaba com o contato físico, de modo que o autor indaga que pode ser até uma forma de intensificação. Portanto, para ele, uma das vantagens da virtualização é o fato de se poder estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Maffesoli (2006) diz que a proxemia remete ao surgimento de uma sucessão de “nós” que constituem a própria substância de toda sociabilidade. Tem-se a internet como forma de estabelecer a proxemia, ou seja, manter distâncias físicas no convívio social, mas intensificar a formação de tribos (grupos) no espaço virtual. No processo de tribalismo da “galáxia eletrônica”, segundo o autor, “o coeficiente de presença não é absoluto, e cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si” (MAFFESOLI, 2006, p. 233).

Por isso, a internet adapta-se ao nosso tempo pela velocidade e interatividade - o que facilita a divulgação de idéias e a própria capacidade de agregação daqueles que têm afinidades eletivas. Mas o aspecto que torna a rede mais democrática ou cidadã é seu caráter dialógico. A internet, então, proporciona a liberdade identitária, visto que estabelecer uma identidade implica perceber-se e sentir-se integrado – na rede, não mais há impedimentos geográficos para que isso se manifeste a partir de auto-avaliações meramente simbólicas. Assim, percebe-se a formação de um novo capital cultural baseado nas produções e consumos de bens simbólicos na rede.

A tecnologia em função do social

O desenvolvimento tecnológico verificado ao longo da década de 1990 possibilitou o surgimento das mídias digitais e, ao lado de mudanças na configuração geopolítica do planeta, intensificou a troca de informações entre as pessoas, empresas e países. Hoje, as mensagens são enviadas em maior quantidade e rapidez, ainda que a quantidade de internautas seja pequena se comparada à população.



Nos dias atuais muito se fala em inclusão digital, preocupação do governo federal. Segundo dados do Network Wizards⁴, de 2005, o Brasil ocupa o nono lugar em número de hosts, e se for analisar somente o continente americano, fica atrás somente dos Estados Unidos. Porém, conforme Barbosa Filho e Castro (2006) esse número está muito concentrado nas regiões mais ricas. Ações do governo federal para implantar o “Programa Brasileiro de Inclusão Digital” têm sido realizadas em parcerias com o Estado e as Prefeituras. Com isso em muitas cidades brasileiras existem postos de acesso gratuito à internet, além de ensino de informática.

Quem tem acesso a esses postos de uso de internet dificilmente vai se adaptar novamente à época em que não existia o virtual. Assim, filhos vão ensinando os pais como se usa essa tecnologia. Outro ponto que sempre chama atenção ao se falar em inclusão digital, conforme destaca Sabattini (2006), é em relação ao teor das mensagens.

O campo de conteúdos na internet é praticamente infinito, um lugar em que se encontra de tudo. Além disso, é o local onde são realizadas inscrições para concursos e eventos. Conforme Santaella (2007) o ciberespaço é o local de disponibilizar e expor-se. O lugar em que é possível conhecer (estando presente) pessoas e cultura de todo o mundo.

Objetivos e metodologia

O objetivo desta pesquisa é mostrar como jovens que frequentam o ensino médio, de escolas públicas da cidade de Juiz de Fora, moram em bairros periféricos, utilizam a internet e como esse espaço interfere na vida dessas pessoas.

Como opção metodológica utilizamos a pesquisa qualitativa e a técnica de entrevistas. A escolha do processo qualitativo, baseado em entrevistas, foi adotado para obter informações de como o público escolhido chegou ao centro de informática e como ocorre o uso da mídia digital. Esse método “permite recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2006, p.62).

Foi utilizada a estrutura de entrevista semi-aberta, seguindo um roteiro pré-determinado que busca dar cobertura ao interesse da pesquisa. A seleção dos informantes aconteceu de forma aleatória, no infocentro da Biblioteca Central da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nesse local é permitido o uso dos computadores

⁴ Apud Barbosa Filho e Castro (2006).



por pessoas que têm vínculo com a UFJF (alunos, professores e funcionários) e pela população que habita o entorno do campus; para estes existe um espaço reservado de 14 computadores.

Segundo diagnóstico feito pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (TAVARES, 2006) há nesta região 17 micro áreas de exclusão social, sendo que 13 apresentam situação de risco, 11 com condição econômica baixa ou muito baixa. Por isso, a UFJF (GERALDO, POLISSENI, FERNANDES, 2008), por meio de práticas extensionistas, entre elas o programa “Boa Vizinhança”, procura atender as demandas junto as sociedade pró-melhoramento dos bairros do entorno do campus.

De acordo com o regulamento do infocentro o uso destina-se exclusivamente para estudo, ensino, pesquisa e comunicação, e as pessoas que não têm vínculo com a UFJF devem fazer um cadastro e apresentar um cartão quando for utilizar o infocentro. Porém essa prática não foi concretizada. Pessoas de todas as idades podem utilizar o espaço sem apresentar nenhum documento ou autorização. Os indivíduos entrevistados moram nos bairros São Pedro ou Dom Bosco, localizados na zona oeste de Juiz de Fora, caracterizados pela vulnerabilidade social.

A pesquisa foi realizada entre os dias 31 de outubro e 04 de dezembro de 2008, no período vespertino, com jovens de ambos os sexos, na faixa etária de 16 a 19 anos, que estão cursando o ensino médio. Para colher as informações foi utilizado um gravador digital e posteriormente as entrevistas foram transcritas. A escolha da gravação reflete na possibilidade do registro literal e integral e, de acordo com Duarte (2006), não afeta o resultado e oferece maior segurança à fonte. Ao todo foram realizadas 12 entrevistas.

O roteiro organizado privilegiou as seguintes questões: quando e onde foi o primeiro contato com a internet, na hipótese, comprovada, que a maioria utilizou de espaço público. Verificou-se também que os entrevistados não dispunham de computador em casa, e quando tinha não havia acesso à rede mundial de computadores.

Outro ponto que chamou atenção para esse trabalho foi um pré-diagnóstico de que os usuários que não têm vínculo com a UFJF se sentem ‘mal’ ao usufruir de um espaço no campus universitário. Esse fato foi comprovado parcialmente. Dos doze entrevistados sete declaram se sentiram incomodados com a presença dos universitários, mas mesmo assim não deixam de utilizar o espaço. Foi comum ouvir a frase “eles pensam que os computadores são deles” ou “eles acham que podem mais que a gente”,



porém todos sabiam que existe um espaço exclusivo para o uso comunitário, por isso não se intimidam. Outra reclamação recorrente foi em relação ao barulho.

O uso de *lan house* também foi destacado no roteiro. Queríamos saber se é diferente utilizar a internet em um local público, gratuito, e um lugar privado, de acesso pago, além de saber o que as pessoas fariam com o dinheiro gasto nesses estabelecimentos. Para nossa surpresa nenhum entrevistado declarou ser diferente utilizar o infocentro e a *lan house*. Nossa surpresa devirá do fato de haver alguns sites e programas bloqueados pela UFJF, porém os usuários conseguem ‘furar’ o bloqueio e acessar conteúdos não permitidos.

Minoria, identidade e virtualidade

No Brasil, país em desenvolvimento, ou do Terceiro Mundo, falar em minoria é uma questão complicada. Afinal quem seriam as minorias? De acordo com Sodré (2005), minoria

refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de lutas assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, etc. (SODRÉ, 2005, p. 12)

Ainda de acordo com Sodré (2005) minoria é “uma recusa de consentimento, é uma voz de discurso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias” (p. 14). Ou seja, todas as pessoas (embora seja a maioria) que vivem fora das decisões políticas e econômicas e que vivem à margem do sistema capitalista pode ser enquadrado como minoria. Assim, nosso público-alvo, pessoas que moram em bairros não-centrais (por vezes aqui denominados como periféricos) e que utilizam do sistema público de educação, são enquadrados como minorias, embora, é sabido, que não o sejam, numericamente.

A existência de culturas periféricas reflete, segundo Canclini (1998), a reprodução desigual da sociedade, marcada pela apropriação também desigual na produção e no consumo dos bens econômicos e culturais. As culturas periféricas, em seu esforço de resistência, produzem interação conflitiva entre elas e as hegemônicas. Especialmente nas sociedades complexas, onde há heterogeneidade da oferta cultural



garante-se a coexistência de vários estilos de compreensão e recepção, nesse caso, um mesmo indivíduo pode integrar-se a diversas culturas, e as mesclas culturais podem ocorrer de modo não-planejado, resultando de processos sociais não-previsíveis como migrações e intercâmbios. Contudo, nem sempre são disponibilizados meios que garantam voz a todos os atores sociais e a luta pelo direito de fala é uma constante entre os grupos não-hegemônicos.

A hibridização cultural, contudo, não se caracteriza pela simples mescla de valores, estruturas e práticas sociais; sua compreensão resulta da análise do processo conflitivo, considerando as negociações empreendidas pelas culturas periféricas para não se diluírem dentro da cultura de massa. Afinal, estas vivenciam as novas condições de existência tanto no que sofrem de opressão como no que contêm de demanda e aspirações de democratização social.

Com o avanço da tecnologia, alguns grupos periféricos conseguiram seu espaço no ciberespaço. Pelos relatos apresentados, percebe-se é um contato relativamente recente, que adveio há três ou quatro anos, ou seja, por volta de 2004. Segundo relatos, o primeiro contato veio por indicações de amigos, em suas próprias residências, ou no telecentro comunitário, localizado na regional oeste do bairro São Pedro, vizinho à UFJF.

Na observação empírica foi verificado que no Infocentro da UFJF não existe um monitoramento do conteúdo acessado, apesar de haver um monitor para auxiliar os usuários, visto que é utilizado um *software* livre, o Linux. O objetivo desse trabalho não é uma análise de conteúdo, mas vê-se, pelos depoimentos, que os principais sites acessados são o orkut, youtube e meebo (MSN). No entanto, os sites orkut e youtube são bloqueados pelo servidor da UFJF, mas os usuários encontravam um meio para utilizá-los burlando o servidor.

Como o site de relacionamento orkut é uma mania nacional, tendo cerca de 71%⁵ dos cadastrados residindo no Brasil, muitos dos universitários ao verem alguns usuários utilizarem esse site pediram para servir-se aquele computador, porém os internautas entrevistados negaram o uso, dizendo que aqueles PCs eram reservados para eles.

Como o infocentro funciona de segunda-feira a sábado, muitos usuários declaram que utilizam as *lan house*, porém só aos domingos. O tempo de uso é de aproximadamente uma hora, o site mais visitado é o orkut. Com o dinheiro gasto em *lans* uns dizem que, se não o gastassem dessa forma, utilizariam para comprar roupas,

⁵ Apud SABBATINI, 2006.



outros para comprar chocolates. Ninguém disse que usaria para compra de substâncias químicas, como álcool e tabaco, ou para diversões como cinema ou teatro. Outras respostas que surgiram foram: comprar tênis, balas, chicletes, revistas e pegar ônibus para andar no centro da cidade.

Outra pergunta realizada foi o que os entrevistados fariam com o tempo em que não estava acessando a internet. Muitos diziam que estariam em casa assistindo televisão. Outros estariam na casa de amigos ou andando nos bairros. Nenhum dos informantes disse que estaria lendo um livro ou estudando.

Internet como espaço de construção de ações comunicativas

Luiz Beltrão, um dos principais teóricos no campo da comunicação dizia que “a comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea” (BELTRÃO, 2004, p. 27). Embora o teórico tenha afirmado isso em 1967 essas palavras continuam válidas no dias de hoje. Com a tecnologia digital as ações comunicativas também se modificaram. O simples “bom dia” deixou de ser um contato primário e passou a ser realizado por intermédio do computador.

Um dos jovens entrevistados afirma que uma das vantagens da internet é se comunicar sem ter que olhar para a pessoa. Assim, “coisas podem ser ditas sem a gente ficar com vergonha”. Outro foi mais enfático: “fica mais fácil você expressar escrevendo do que falando. Tipo assim, você tá a fim de uma menininha é só você pegar o MSN dela e puxar papo”. Muitos entrevistados afirmaram que a internet melhora a comunicação entre as pessoas pelo fato de se poder conversar com pessoas de todo o mundo e com amigos distantes. Além do fato de custar mais barato que uma ligação para celular.

Sousa (2007), baseada em Meyrowitz, aponta que o comportamento do indivíduo muda por causa da tecnologia. Isso acontece porque não é necessário o mesmo espaço físico para se estabelecer um contato. A autora aponta que um meio de comunicação é capaz de mudar nossas performances porque derruba as fronteiras físicas e espaciais e criam novas situações que demandam novos comportamentos. Assim, como no caso do entrevistado, o MSN surge como mecanismo de expressão de sentimentos que não seriam possíveis no ambiente físico.

Outro ponto que merece destaque é a formação de grupos dentro da rede. A formação não depende da localização geográfica, e sim da convergência de opiniões



acerca de um determinado assunto. Uma jovem entrevistada relata que mantém contato com fãs da banda Los Hermanos através de uma lista de discussão que recebe em seu e-mail. Outro ponto que chama atenção no relato é o fato de ela ter conhecido a lista através de uma pesquisa realizada no site de busca Google. Os entrevistados foram unânimes ao dizer que as páginas que visitam foram localizados através do Google.

Ronaldo Linhares (2006) aponta que “a internet possibilita a expansão social da racionalidade e permite reforçar as possibilidades de consenso – mesmo que tal consenso já não corresponda mais ao sonho burguês da maioria e seja apenas grupal” (LINHARES, 2006, p. 174). Com isso, no campo diversificado da internet construir espaços de sociabilidade tornou-se um domínio a ser conquistado.

Inclusive, Pinheiro (2007) chama atenção para o consumo de conteúdos providos do meio digital; nas palavras da pesquisadora

adquire um sentido para além do esgotamento e da paixão consumptiva, por estar imerso em uma rede ampla de sensações e experiências, de mistura de códigos, de liquefação de imagens e de signos desconexos que faz ativar a afetividade e empatia. (PINHEIRO, 2007, p. 59)

Outra discussão apresentada foi o embate televisão e internet. As respostas foram as mais diversas possíveis. Uns acreditam que a televisão é melhor por oferecer informações mais concretas e pela gratuidade do veículo. Outros já defendem o espaço virtual por disponibilizar uma gama maior de conteúdo, que pode ser acessado a qualquer momento, além do caráter interativo.

Vê-se, contudo, que existe um novo tempo ao se falar em comunicação. A revolução tecnológica praticamente acabou com as mensagens escritas e enviadas pelo correio tradicional para apoiar-se em uma tela de computador e expressar seus desejos e sentimentos. Nota-se que para as novas gerações é mais fácil dar ‘bom dia’ para alguém via MSN do que quando se encontra com a pessoa.

Conclusão



A partir da análise das entrevistas é perceptível a influência da internet na vida desses jovens. Pode-se afirmar que o contato que eles tiveram com o veículo proporcionou uma nova forma de agir perante o mundo e principalmente ante a comunicação. A inclusão digital pode modificar a forma de vida e interação das pessoas, que usam do autodidatismo e das ‘dicas’ de amigos para navegar e conhecer o mundo virtual.

A expansão social gerada por esse veículo é nítida e pode ser verificada nas mudanças de atitudes e na interação com pessoas que não ocupam o mesmo lugar geográfico. O espaço virtual promove efeitos na sensibilidade individual, isso faz com que indivíduos possam buscar conteúdos que dizem respeito a suas próprias personalidades, o que difere da televisão, em que ele é obrigado a consumir aquilo que é previamente proposto pela grade.

Referências

BARBOSA FILHO, André e CASTRO, Cosette. “Mídia Digital”. In: MARQUES DE MELO, José, GOBBI, Maria Cristina e SATHLER, Luciano (orgs.). **Mídia cidadã: utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006. pp. 139-156.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DUARTE, Jorge. “Entrevista em profundidade”. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. pp. 62-83.

GERALDO, R., POLISSENI, M. L. C. e FERNANDES, G. M. “Boa Vizinhança: possibilidades de uma formação cidadã”. In: **Anais da IV Conferência Brasileira de Mídia Cidadã**. Recife: UFPE, 2008.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LINHARES, Ronaldo Nunes. “Internet e ação comunicativa como elementos do espaço público sob uma perspectiva habermasiana: crise e transição”. In: SOUSA, Mauro W. **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006. pp. 157-178.

MAFFESOLI, Michel. **No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forence Editora, 2006



PINHEIRO, Marta de Araújo. “Comunicação, consumo e produção de si”. In: COUTINHO, Iluska e SILVEIRA JR, Potiguara M. (org.). **Comunicação: tecnologia e identidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. pp. 51-64.

SABBATINI, Marcelo. “Do receptor passivo ao emissor ativo”. In: MARQUES DE MELO, José, GOBBI, Maria Cristina e SATHLER, Luciano (org.) **Mídia Cidadã: utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: UESP, 2006. pp. 221-230.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Roberto E. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SODRÉ, Muniz. “Por um conceito de minoria”. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (org.). **Comunicação e cultura de minoria**. São Paulo: Paulus, 2005.

SOUSA, Janara K. L. L. “Segunda geração da Teoria do Meio: a contribuição de Meyrowitz”. In: FERREIRA, Giovandro M. e MARTINO, Luiz C (org.). **Teorias da comunicação: epistemologia, ensino, discurso e recepção**. Salvador: EDUFBA, 2007.

TAVARES, Gisele M. (org.). **Atlas social – Juiz de Fora: diagnóstico/Prefeitura de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: a prefeitura, 2006.